

Entrevista com Dirce Eleonora Nigro Solis professora adjunto do Departamento de Filosofia -UERJ:

EF Revista: A Sra. é uma pesquisadora em filosofia contemporânea de expressão francesa. Como a Sra. vê a aceitação do pensamento francês contemporâneo nas faculdades de filosofia no Brasil, visto que, o pensamento francês contemporâneo em sua maior parte, trata-se de um rompimento com a tradição filosófica e aqui no Brasil há uma insistência em se continuar a reproduzir e a valorizar uma filosofia logocêntrica e liberal?

Profª Dirce Solis: Antes de colocar a questão do pensamento francês contemporâneo nas faculdades de filosofia brasileiras, talvez o que esclarecesse melhor a questão de vocês seria a pergunta pela despolitização em geral dos departamentos de qualquer área de saber nas universidades brasileiras a partir de uma certa época- eu diria pós anos setenta. E os departamentos de filosofia, embora nestas duas décadas anteriores (60-70) fossem reconhecidos como combativos, engajados politicamente, antenados com os problemas reais do país (vide, por exemplo, quantos cassados pela ditadura militar na filosofia, professores e estudantes), não poderiam deixar também de sofrer esta terrível consequência do calar, do não assumir mais frontalmente posições com relação ao autoritarismo, às injustiças sociais. Os departamentos de filosofia foram calados em determinado momento, foram induzidos a não participar de forma significativa da vida política do país ou mesmo da vida política acadêmica. Isto não se aplica, entretanto, necessariamente a todos os professores que deles faziam ou fazem parte. Lembremos que a filosofia nasceu na polis e politização é concebida como o estar alerta às questões políticas em sentido amplo ou delas participar de algum modo. O outro dado para o qual gostaria de chamar a atenção é a questão da especialização crescente que isolou muitos profissionais de filosofia em suas pesquisas. A especialização acontece desde há muito nas ciências e não há como negar a sua necessidade para o conhecimento científico e a filosofia vai acompanhar isto, subespecializando cada vez mais suas áreas. Aparece então aquele pensador, pesquisador ou professor que é o “especialista em”, que conhece de forma cada vez mais aprofundada um aspecto da realidade ou do conhecimento e ninguém vai dizer que isto não é importante. Entretanto, percebeu-se nas áreas científicas desde os anos oitenta aqui no Brasil, por exemplo, que isto estava

levando a um descuido com relação ao contexto mais geral do conhecimento e se voltou a falar na necessidade de não se perder a visão de totalidade para falar da especialidade . Lembro-me de quantas vezes, nós professores de filosofia éramos convidados na década de oitenta por áreas como a medicina, a biologia, a psicologia para discutir essa questão. O aprofundamento necessário dos campos específicos do saber não deveria significar o esquecimento do geral (que não se confunde com “generalidades”) e da superfície (que não deve se confundir com “superficialidade”). Mas, mesmo sem quereremos generalizar, pois isto seria um paradoxo com relação ao próprio destino e sentido da investigação filosófica, parece que a “filosofia”, por esta capacidade que temos de abstrair do real , vem demorando mais que algumas outras áreas na direção do resgate do contexto mais completo do conhecimento. Então, desde a revolução científica que a filosofia acompanha aquilo que já virou regra a partir dos séculos XVII /XVIII , a especialização crescente que esquece ou mesmo desconhece esse contexto mais completo. Torno a insistir que conhecer bem o contexto mais geral não deve significar saber falar um pouco de tudo e nem descuidar de nossas pesquisas em sua especificidade. A filosofia é capaz, inclusive em virtude da formação de seus profissionais , e pelas razões já bastante conhecidas de todos nós , de fazer intervenções especialíssimas e isto muitas vezes pode significar o esquecimento do contexto, das relações com as outras áreas de saber e dependendo do caso, da capacidade que ela deveria ter de dialogar internamente com as outras áreas da própria filosofia. Muitos professores universitários de filosofia, por estas e outras razões, acabam por se fechar em suas pesquisas, financiadas com verbas públicas, na maioria dos casos e isto muitas vezes sem o menor compromisso de socializá-las, o que é preocupante num país como o nosso. E penso que a visão liberal sobre o mundo, possibilita em grande parte isto. Agora, a situação que vocês querem discutir, aquela de uma perspectiva logocêntrica. O logocentrismo, termo cunhado para apontar o domínio do logos nas sociedades ocidentais (razão, palavra falada e sua conseqüente apreensão pela escrita, lei da racionalidade de um modo geral), não é correto dizer que podemos eliminá-lo do terreno teórico ou do concreto, simplesmente através do discurso. Somos logocêntricos, na medida em que nossa sociedade, nossas produções são logocêntricas e possuem sentido justamente por serem logocêntricas . O problema não está em reconhecer isto, mas o que é apontado por pensadores da filosofia francesa contemporânea e mais especificamente neste caso, pelo pensador Jacques Derrida, é o fato de ainda hoje só se reconhecer como filosofia, a filosofia logocêntrica.



E ele mostra, então, em todo o seu discurso, que a partir de uma fala de Heidegger sobre a metafísica ocidental e que Derrida denominou *metafísica da presença*, não é mais possível aceitar só isto. Derrida chama a atenção para o fato de que existem, sempre existiram aliás, outros modos de apreender a realidade e que não são logocêntricos e em sua crítica à metafísica tradicional ocidental, ele passa a demonstrar à exaustão isto. É bom lembrar também que quando ele fala em desconstrução do pensamento ocidental, não será um trabalho metodológico intencional que minará as bases do logocentrismo, mas sim algo que efetivamente acontece em nível real, histórico, político-social, ético - político e que denuncia a desconstrução desse logocentrismo. E lembremos, desconstrução não é destruição. Penso ainda que um número um pouco maior de professores ligados a departamentos de filosofia discute o pensamento francês contemporâneo, hoje. É verdade que ele já era discutido pelos institutos de letras, educação, arquitetura, de artes em geral, psicologia e psicanálise, até antes dos departamentos de filosofia. Mas em nível de Brasil isto já está acontecendo na filosofia mais frequentemente hoje. Só no Rio temos professores na PUC, UFRJ, e mesmo na UERJ que discutem o pensamento francês contemporâneo. Na UERJ, o Gerd já fazia isto. Fazia isto antes na UFRJ, a Marly também, só para lembrar alguns. Outra coisa é o pensamento liberal. É verdade que o pensamento liberal é logocêntrico, não poderia deixar de sê-lo, mas o marxista também é, o pensamento socialista também etc. A questão não é por aí. Associar liberalismo ao logocentrismo e aí todo logocentrismo é ruim porque são feitas sérias restrições ao pensamento liberal. Creio que o problema de se ter em alguns departamentos de filosofia uma predominância de professores diretamente associados ao liberalismo, isto é um problema particular, individual. Ou então o ensino só de pensamento dito liberal em filosofia. Isto depende dos interesses individuais que ligam os pensadores a determinadas pesquisas. O problema que eu vejo é quando isto é feito sem a crítica necessária que a filosofia deve sempre empreender. Mas isto deve ocorrer com qualquer teoria filosófica, político-social, epistemológica ou o que seja. E não se pode rotular um professor simplesmente por ele estar tentando discutir um autor de cuja filosofia ou postura discordamos. Lembro que em Epistemologia, disciplina que era comum em nossa área anteriormente, eu dava aula sobre Positivismo. E saía delas com a impressão de que eram muitas vezes minhas melhores aulas. E os alunos diziam isto também. Mas todos conheciam minha posição sobre as questões do positivismo, neo positivismo etc e nunca fui chamada de positivista por causa disto. No entanto, sem dúvida, temos que nos perguntar por quê,



dos anos oitenta para cá, parece que as pesquisas em filosofia tomaram predominantemente um rumo único e os alunos se deparam mais com o pensamento chamado liberal . Se isto for realmente verdade , não é difícil de entender, por várias razões já apontadas e tantas outras em escala mundial.

EF Revista: A Sra. vem há mais de 15 anos estudando e pesquisando sobre o filósofo franco-argelino Jacques Derrida. Derrida parece ser um filósofo não muito bem visto pelos departamentos de filosofia no Brasil. No entanto, presenciamos o acontecimento Derrida no espaço acadêmico da filosofia. A Sra. acha que isso realmente vem acontecendo? Qual a importância do pensamento de Derrida e a desconstrução para a contemporaneidade?

Profª Dirce Solis: A questão de Derrida ser ou não bem visto já foi amplamente tratada quando ele ainda estava vivo. E ele , por sua própria fala, nunca se importou com isto. Todo o pensador que incomoda, que discute as certezas já tão sólidas de qualquer área, que causa certo desconforto, em geral é sempre criticado. Ele é sempre ruim por oposição ao estabelecido que é sempre melhor. O fato dele, Foucault e outros não serem considerados como filósofos, também já foi respondido por Derrida, afinal toda preocupação não logocêntrica, não falocêntrica não é chamada de filosofia. O que Derrida aponta é que todas as produções humanas são falíveis e não são eternas. São mortais, inclusive a própria filosofia, mas ele está dizendo isto com um endereço certo: o pensamento tradicional ocidental hierarquizado e cuja posição dicotômica sempre privilegiou, por exemplo, a essência em relação à aparência, o conceito em relação à metáfora, o significado em relação ao significante, o sério em relação ao frívolo e outros. Então é preciso dominar o seu pensamento que é de difícil compreensão, pois em primeiro lugar, trata-se de mudar de cultura filosófica, de compreender a sua linguagem, a sua discussão sobre a des-hierarquização dos pares binários metafísicos presentes na visão logocêntrica, para poder discutir com ele. E desde o começo de seu trabalho (mais de 50 obras ele produziu a respeito), Derrida discute com pensadores de muitas áreas, da área da lingüística, da antropologia estrutural, da psicologia e psicanálise , da filosofia e outras; discute com Saussure, Rousseau, Lévi-Strauss na Gramatologia, discute com Charles Peirce, com John Langshaw Austin, com John Searle. Discute o discurso freudiano em vários momentos , por exemplo em *Freud e a*

Cena da Escritura (A Escritura e a Diferença). Em *Espectros de Marx* discute com Fukuyama e a favor de Marx, e com Marx em relação a Max Stirner; em outros textos traz Benjamin e sua discussão de Carl Schmidt (*Prenome de Benjamin* em Força de Lei) , traz a posição de Agamben (em Força de Lei). Em seus ensaios de filosofia ele nos traz criticamente a sua leitura de Platão, Aristóteles, discute com Hegel, com Husserl, com Heidegger. Traz a sua inspiração nietzschiana em várias outras obras. Derrida analisa em minúcias o pensamento de cada um destes mestres do pensamento , mas evidentemente como todos nós, selecionando aquilo que o instiga mais de perto, e em função de sua postura a respeito do que é filosofia, interessando-se mais pelo “desvio”, pelo menos trabalhado ou por um enfoque inusitado retirado deste autores e que em geral denota algum processo de inversão ou deslocamento do discurso, do texto, processo que denuncia um acontecimento conhecido , a partir do próprio Derrida, como desconstrução. E isto não seria filosófico? Uma atitude filosófica? Lembro aqui o Foucault de *Modificações* (H da Sexualidade- O Uso os Prazeres): O ensaio como “o corpo vivo da filosofia”, a atividade filosófica como o “trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento”, e a questão de “saber” se é possível “pensar diferentemente do que se pensa”. E isto não é filosofia? Ou pensar filosoficamente? Derrida encaminha seus trabalhos dentro desta perspectiva aqui apontada . Atualmente penso que este autor que já era discutido pelas outras áreas, possui uma entrada mais significativa nos departamentos de filosofia do sul- sudeste. Das outras regiões brasileiras não estou certa. Creio que a Universidade é o espaço, não único, mas privilegiado para a discussão de todo e qualquer pensador, de toda e qualquer temática instigante que diga respeito a vida, ao mundo etc. Derrida tem sua importância, pois sua estratégia foi sempre desafiar as bases de sustentação de posições “estáveis” em filosofia, os pressupostos filosóficos ditos inabaláveis da tradição. Seus ensaios da última fase, principalmente, trazem questões ético- políticas importantíssimas da atualidade, questões como a hospitalidade, a amizade, a condicionalidade e a incondicionalidade da lei , do direito e da justiça; a pena de morte, o discurso e a prática sobre o perdão; a questão da história e a idéia de democracia por vir; o que ele chamou de uma “nova internacional”, a preocupação com a formação de uma comunidade internacional mais igualitária, mais aberta do que as existentes hoje. O termo desconstrução, ao qual ele reagiu de início ao ser associado diretamente ao seu nome, mas que ele acaba por assimilar, é um termo complexo e muito mal compreendido, pois ele o utilizou para referir-se à sua visão crítica da *metafísica da*



presença e às estratégias de investigação dos limites do discurso filosófico ou mesmo literário. Mas a desconstrução, ele insiste, é um acontecimento nem sempre muito preciso na história da filosofia, no pensamento, em geral, nos textos de várias ordens. E é neste sentido que ela pode apontar perspectivas novas de análise e investigação.

EF Revista: Em "Espectros de Marx", Derrida aponta que sempre houve desconstrução na filosofia desde a antiguidade. Porém pode-se afirmar que é na contemporaneidade que houve ou vem acontecendo ou até está por vir o mais "violento" movimento da desconstrução? Visto que, desde Nietzsche, Freud e até Marx, alguns signos, símbolos e conceitos, que sempre estiveram à margem da filosofia e recalcados na lógica binária metafísica, conseguiram se deslocar e ganhar espaço em nossa contemporaneidade? Tais como a metáfora, escritura, inconsciente, o nada e o outro?

Profª Dirce Solis: Espectros de Marx talvez seja uma das obras mais significativas de Derrida nas várias discussões que ela empreende. Implicitamente trata-se em linhas bastante gerais da discussão de um tempo histórico diferente do tempo lógico linear e da discussão de uma certa obsessão (hântise) por uma spectralidade em vários níveis- aquilo que assombra, mas que não representa perigo com relação à sua volta, aquilo que assombra e traz o risco da volta, aquilo que volta e por isso, sob uma perspectiva não dialética, não marxista ou o que seja, assombra sempre. Furtivo e intempestivo, como a ele se refere Derrida, o aparecimento do espectro não pertence a este tempo, ele não dá o tempo, não oferece o tempo como um dom, não este tempo. Como o espectro que aparece ao Hamlet do Shakespeare: “Enter the Ghost, exit the Ghost, re-enter the Ghost”. Isto se assemelha, conforme aponta Derrida, a alguma realidade axiomática, alguma evidência supostamente indemonstrável a respeito de algo que tem um preço, um valor, uma qualidade. E como em Hamlet, trata-se de um reino simbólico desgastado, *podre* como na peça shakespeariana. Marx utiliza este primeiro nome do Manifesto, *espectro*: “Ein Gespenst geht um in Europa - das Gespenst des Kommunismus”. Tudo começa com o aparecimento do espectro dirá Derrida. E assim ele irá discutir as “Injunções de Marx”, a conjuração do marxismo, os Desgastes de um quadro do mundo sem idade e mais outras tantas questões relacionadas à idéia de um mundo “out of joint”, “fora dos eixos”, como já havia proclamado Hamlet. Utilizando

esta imagem dos “Espectros” , Derrida irá apontar as várias desconstruções que aparecem na História e na história do pensamento, inclusive filosófico. Qualquer desconstrução, não importa a época, creio, aponta a violência própria àquela época e tudo o mais que esta época carrega. O problema é que a desconstrução em fases anteriores à nossa na História, não era problematizada como o é atualmente e daí talvez pareça que ela denuncie uma época contemporânea mais violenta que as demais. Mas a desconstrução enquanto tal não é um movimento, menos ainda um movimento violento, mas um modo de apontar inversões, deslocamentos nas hierarquias tradicionais do pensamento ocidental e dos vários textos que compõem este pensamento: cultura, arquitetura, literatura, ciência, arte, filosofia. Discussões como aquelas sobre a metaforicidade dos textos filosóficos, a questão da escritura e a textualidade de textos de todos os registros, o evidenciar da “ queda” das hierarquias sempre presentes no pensamento ocidental, isto é que é apontado como desconstrução. A discussão da alteridade, do outro como diferença , a discussão da *différance* com a (tratamento da diferença que não remete mais à identidade, mas ao jogo de diferenças), isto é objeto da desconstrução mais que nunca hoje. Entretanto, a espectralidade, aquilo que assombra, não desapareceu nem do ponto de vista político- social, nem do ponto de vista do Estado, nem com relação aos textos de toda a ordem e em especial, aos textos filosóficos. Está tudo aí e creio que inclusive estas preocupações que vocês me colocam nesta entrevista, vêm de encontro a isso.

EF Revista: Há comentários que depois de Deleuze, Derrida, Foucault, Barthes e outros, o pensamento filosófico na Europa perdeu sua força e não tem muito mais com o que contribuir. Como a Senhora vê isso? Será que a partir de um pensamento do devir, da diferença e até a partir de uma geofilosofia, podemos esperar um acontecimento filosófico de força vindo dos países que sempre foram hostilizados pelo velho mundo? É possível um deslocamento e um espaço para uma filosofia a partir do Oriente - médio, da África e da America do Sul?

Profª Dirce Solis: Novamente aqui eu vou me referir ao Derrida. Mas agora ao Derrida de “Do Direito à Filosofia”, ou “ Do Direito à Filosofia de um ponto de vista cosmopolita” e repito o que já disse em ocasiões anteriores: Pensar uma política da filosofia é estender o direito à filosofia para todos os seres humanos. E isto está de



acordo com o que pensa Derrida a respeito. Entretanto, não significa que todos queiram, possam ou devam ser filósofos de profissão, nem tampouco que todos os seres humanos serão necessariamente pensadores críticos e criativos, mas em termos de possibilidade, Derrida irá defender que, independentemente da idade, classe social, gênero, raça, cultura, todos os humanos devem ter direito à filosofia (Do Direito à Filosofia). Dito de outro modo, todos podem desejar possuir, de modo mais ou menos sistematizado, experiências de pensamento filosófico consideradas legítimas. A filosofia para Derrida é, então, um dos nossos mais fundamentais direitos. No entanto, há uma sensível distância entre esta afirmação e a conotação kantiana de filosofia como um tribunal crítico ou uma “juíza dos juízes”, que marca os limites da experiência possível e as fronteiras dos mais distintos domínios do saber. Filosofia é o direito de colocar toda e qualquer questão, especialmente aquelas sobre as próprias razões da filosofia enquanto tal. O direito à filosofia é o direito ao mesmo tempo de ensinar e estudar filosofia, de ler e escrever sobre ela, de discutir e publicar filosofia e este é um direito de todos os povos e de todos os seres humanos, segundo Derrida. Não é apenas privilégio de grupos fechados e especialistas em filosofia. A identidade da filosofia e a comunidade dos filósofos apareceriam, então, sob esta perspectiva, como realidades desconstruídas. Não que Derrida negue à filosofia o seu lugar como saber detentor de uma especialidade técnica e disciplinar. Ele também sempre debateu contra a dissolução da filosofia em departamentos de literatura ou mais genericamente ainda de humanidades. A filosofia deve ter seu lugar específico num departamento de filosofia, mas isto não significa que ela estará sendo desenvolvida apenas em seu interior. A filosofia deve ser ex-posta, des-locada, ex-propriadada e ex-patriada, o que quer dizer que ela não deve estar inteiramente confinada aos limites de uma especialização disciplinar. E toda a discussão da filosofia deve estar associada à discussão de uma democracia por vir. Assim todos os povos tem direito à filosofia e a produzir contextos e conteúdos filosóficos específicos. Certamente isto está ligado à questão da diferença, do advir, do porvir no sentido derridiano. Se ela é um direito de todos, os países que sempre foram marginalizados em sua produção também podem e devem se engajar na produção filosófica. Lembremos que desde a Grécia clássica, a filosofia surgiu não por diletantismo de seus autores, mas como forma de responder aos anseios da polis, de traduzir em nível de abstração e generalização, as temáticas e problematizações que ocupavam a vida dos cidadãos. E neste sentido ela vem junto com a discussão da cidadania, até quando consideramos os não- cidadãos. Então ontem como hoje, a



filosofia é política e busca responder às inquietações colocadas não mais apenas pelos grupos que foram hegemônicos e dominantes, como os da comunidade européia, mas também outros grupos não hegemônicos principalmente econômica ou culturalmente. E creio que esta discussão que tem aparecido agora e que particularmente não domino, a respeito da produção filosófica a partir da África, do Oriente Médio, da América Latina, deve ser levada em conta, embora, repito, não domino isto. Entretanto, as áreas de História, Antropologia, Ciência Política têm falado nesta questão insistentemente, têm aprofundado pesquisas nesta direção e então penso que seria bom que a filosofia começasse a se interessar por esse assunto apontado por vocês, pelo menos avaliar a questão, para , como se diz , “ não perder o bonde”.